

## Viagens de uma viajante: Ecos de vida de uma educadora-cidadã

**Vasconcelos, Teresa (2018). *Viagens de uma viajante: Ecos de vida de uma educadora-cidadã*. Porto: Edições Afrontamento.**

Trata-se de uma obra que estimula pela sua leitura por vários motivos. Trata-se de uma *autobiografia*. A autora tem o cuidado de nos prevenir que não é uma *história de vida*, do ponto de vista metodológico, mas sim uma autobiografia: a autora ela mesma faz a seleção de acontecimentos e vivências da sua vida vivida, dos seus percursos, e conta às pessoas leitoras diretamente. E assim se distingue de uma *história de vida* que tem a mediação de uma pessoa a quem se conta a própria história de vida.

Esta autobiografia começa com um título muito sugestivo e criativo: *Viagens de uma viajante* e que serve como uma metáfora esplendida para a vida a viver de Teresa Vasconcelos. A viver sim, pois Teresa Vasconcelos está envolvida em iniciativas que constroem a sua vida e os seus percursos agora, para além dos muitos que foi tendo de grande intensidade, envolvimento e implicação. Aliás o subtítulo é *Ecos de uma educadora cidadã*, não apenas revelando como a própria narradora dá sentido à sua vida como exercício de cidadania, mas também revelando a forma como ela mesma quer ser percecionada. Porque esse é o poder de uma escrita autobiográfica: iluminar percursos e visões, perspetivas e reflexões que são as do seu foro, da sua produção do seu olhar. Mas ainda também o seu *Erlebnis* (*vivência, experiência vivida*), como diria Dilthey, como possibilidade de rever a experiência existencial e histórica, em termos de interconexão interior. E este texto tem muitos momentos, passagens, partes dessa reflexão e interconexão interior.

Estamos perante a subjetividade de alguém que narra – algo que levou muito tempo a que as Ciências Sociais aceitassem como relevante na sua produção, na sua formulação, na sua visão de ciência. Esses

tempos estão confrontados e aqui temos uma obra que desafia visões ortodoxas e clássicas e que nos traz um olhar narrativo e reflexivo situado, a partir da sua posição, em muitas das suas passagens.

A obra tem prefácio da Presidente do Conselho Nacional, Maria Emilia Brederode Santos que intitula «Uma vida em missão». Sublinha em particular o humor e a poesia que caracterizam a narrativa e que se articulam com o sentido de aventura que acompanham a vida de Teresa Vasconcelos.

Tem um posfácio de Rui Canário em que salienta, em particular, a sua escrita fluente e apelativa, atravessada por um fio poético. Em seu entender, a publicação deste testemunho de vida terá grande alcance no trabalho de formação permanente.

Gostaria de acrescentar que, para além disso, poderemos ler uma parte da história da educação em Portugal, sobretudo da educação de infância, mas não só, através desta *Viagens de uma viajante*, de uma pioneira na educação de infância no antes do 25 de Abril e no depois, e com as várias iniciativas que foi construindo e lutando, sendo certamente considerada uma *expert* notável. O interesse em ler estas *Viagens* vai decorrer de umas pessoas porque reconhecerão passos das suas vidas, coetâneos do que aqui se narra e apreciarão o ângulo de abordagem, o que se conta que eventualmente era desconhecido para essa pessoa, a iluminação que se lança sobre determinadas atividades e políticas; para outras, parte da sua formação poderá passar por aqui, como bom estímulo para procurar conhecer e aprofundar campos específicos; para outras, um reconhecimento do que está realizado e a consciência do que significa pioneirismo e criatividade, por exemplo, etc. É uma obra que permite leituras caleidoscópicas, naquele sentido que a

autora Liz Stanley percebe e defende em abordagens biográficas. Faz-se um pequeno movimento na biografia/caleidoscópio e podemos ver uma biografia a outra luz que anteriormente não víamos. Podemos ver as *Viagens* assim a esta luz, viagens pelos contextos cruzados, viagens interiores, viagens de relações, viagens de criação, viagens de formação, viagens de iluminação religiosa, viagens de ativismo e militância social e política. Esta obra é também de alguém que sustentou uma visão na sua formação, pesquisa, docência e disseminação em torno mais das chamadas metodologias qualitativas, das narrativas biográficas, das etnografias e biografias, e assim esta obra ganha também essa luz.

O livro organiza-se, para além das partes referidas, por capítulos com títulos criativos, como a criatividade de Teresa Vasconcelos produz, em particular «Turbulências da adolescência e juventude», «uma mulher desdobrável: educadora de infância». Creio que muitos deles constituem *turning points*, momentos charneira na sua vida, e vamos caminhando neste livro de forma aproximada ao caminhar de Teresa na sua vida.

Não pude deixar de notar que nesta construção de autobiografia o mundo académico com algumas das suas regras emerge: diria em particular na inclusão da sua produção bibliográfica. Dirão que era expectável, pois trata-se de uma académica prestigiada, com uma extensa produção no campo educacional, e não só. É assim uma autobiografia que reconhece e prestigia regras académicas no que elas têm de relevante. Mas ainda uma outra presença, e muito constante: o mundo poético. Teresa escreve e poetas – elas e eles – vem bordejando o que Teresa vai contando e evocando. Há certamente um ritmo muito encantatório em muitas das suas passagens ou partes. Sophia, Tolentino, Lispector. Num dos capítulos, que intitulou «Ser dirigente da administração central», a inclusão de um poema de Sophia de Mello Breyner é muito significativo pela forma como dá sentido ao que se narra

aí. Num outro, aborda o seu nomadismo que é certamente uma metáfora que nos estimula a pensar na diversidade de percursos, na abertura a um outro, e também na importância de uma mudança com mais justiça social.

Trata-se, pois, uma autobiografia de uma mulher educadora, cidadã, como certamente muitas outras. No entanto, temos de ver passos da sua vida memoráveis, e refiro só alguns: diretora de escola superior, presidente conselho científico, diretora geral da Educação Básica, dirigente sindical e associativa, etc., além de docente, formadora, investigadora, etc.

Para terminar, uma nota pessoal de quem escreve este texto: queria lembrar que Teresa Vasconcelos e eu própria partilhámos alguns espaço e experiências: vivemos meninices e partes de juventude muito próximas geograficamente. Lembro a sua mãe com as filhas no eléctrico que subia a Boavista, a frequência do mesmo liceu, o Carolina Michaelis. E os famosos jogos florais, em que Teresa Vasconcelos ganhou o 1º prémio em conto, e também em poesia. A igreja de Cedofeita e o padre Manuel Martins – depois Bispo de Setúbal – espírito aberto e que, antes do 25 de Abril, na missa, rezava pelos «nossos irmãos comunistas» como forma de apelo à mudança social para vidas mais justas. O Graal e os programas de alfabetização, segundo o método Paulo Freire. A APEM, a associação de estudos sobre as mulheres. E em particular o campo educacional, nas suas vertentes de docência, formação, investigação – e intervenção, de forma muito acentuada em Teresa Vasconcelos.

Nota: A apresentação do livro decorreu no âmbito do CIIE (Centro de Investigação e Intervenção Educativas) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O Centro tem tido uma relação muito significativa com a autora através

da participação em projetos, conferências e seminários – lembro os seminários organizados por Stephen Stoer, em Vila Real, da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, mas também em outras atividades científicas em que podemos contar com a sua colaboração. A sessão de apresentação foi enquadrada numa aula

do Mestrado em Ciências da Educação, na unidade curricular de Metodologias de Investigação em Educação dedicada ao método biográfico.

*Helena C. Araújo*

CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas